
***Dear White People* e o imaginário do Racismo nos Estados Unidos¹**

Larissa Caldeira de Fraga²
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

Este trabalho busca compreender o imaginário sobre o racismo nos Estados Unidos através da primeira temporada da série *Dear White People*, produzida pelo Netflix. O netflix é visto como uma tecnologia do imaginário, que dinamiza crenças e visões de mundo. A fundamentação teórica se baseia nas reflexões, sobre o racismo nos Estados Unidos, dos autores Karnal (et al., 2014) e pelo relatório da Comissão de Direitos Civis dos Estados Unidos (1970). Serão feitas análises a partir da teoria do imaginário de Gilbert Durand (1998) e dos estudos de Silva (2012).

Palavras-chave: comunicação; *Dear White People*; racismo; Estados Unidos; imaginário

Introdução

Em 1619, chegava nos Estados Unidos o primeiro grupo de negros, levados por holandeses, para serem escravizados no Estado da Virgínia. O primeiro afro-americano nasceu em 1624. Em duas décadas, a escravidão estava presente em todas as colônias e havia uma legislação específica para a prática. Segundo Karnal (2015), muitos autores consideram a escravidão norte-americana como a mais cruel registrada na América. A partir de 1861, o país se dividiu em duas partes, o norte que pretendia abolir a escravidão e o sul com seus estados escravagistas, dando origem à Guerra da Secessão.

Há menos de 60 anos, a população norte-americana ainda era separada em duas categorias. Banheiros, bebedouros e assentos de ônibus eram divididos entre os destinados aos brancos e aos cidadãos “de cor”. Seis décadas podem ser consideradas muito ou pouco tempo? Para Gilbert Durand (1998), um imaginário dura entre 100 e 120 anos. A segregação explícita acabou nos Estados Unidos, mas o espírito do racismo é lembrado constantemente e ainda vive no imaginário de negros e seus descendentes.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS. E-mail: larissacfraga@gmail.com

Esse imaginário, ou conjunto de imagens (assim definido por Durand), é marcado pelo sofrimento e luta de um povo, que até hoje mostra as consequências no cotidiano.

Apesar de ser o país mais rico e poderoso do mundo, muitos aspectos norte-americanos podem ser considerados primitivos. O tempo passa, mas o preconceito permanece. Este trabalho pretende abordar o imaginário do racismo nos Estados Unidos através do olhar da primeira temporada da série *Dear White People* do Netflix. História e cotidiano compõem esses aspectos dinamizados pelas narrativas dessa tecnologia do imaginário.

Imaginário e as Tecnologias do Imaginário

O imaginário compreende aspectos históricos e culturais de um povo ou grupo. Se refere às lembranças da infância, angústias, projeções do futuro, utopias, fantasias, mitos e crenças. Gilbert Durand define como “o museu de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 1998, p.6). É o capital pensado do *homo sapiens*, em que se encontram todas as criações do pensamento humano.

Para Legros (et al. 2014), a vida dos homens é submetida a imaginários, sejam eles representados nas artes (cinema, fotografias) e nas construções mentais e coletivas individuais. “O imaginário, assim, diz respeito a uma civilização: circula através da história, das culturas, dos grupos sociais (...) O imaginário alimenta e faz o homem agir. É um fenômeno coletivo, social, histórico” (LEGROS et al., 2014, p.10)

Para Silva (2017), o imaginário é um excesso. É algo que se acrescenta ao real, uma aura, um excedente, uma significação, um sentido individual ou socialmente atribuído a um acontecimento. “O imaginário é um fato que passou a ter sentido para alguém. Todo imaginário é um revestimento, uma cobertura, uma sequência de camadas aplicadas sobre um acontecimento, uma obra, um fenômeno, um evento, um trauma, um feito” (SILVA, 2017, p.25)

Imaginário e cultura não são a mesma coisa. A cultura é mais ampla e não se reduz ao imaginário. Podemos compreender que a cultura americana se diferencia das outras nacionalidades através do seu imaginário, pelas características que representa através da cultura.

Insisto que há proximidade entre cultura e imaginário. Neste sentido, pode-se dizer que o imaginário é a cultura de um grupo. Contudo, se voltarmos ao que foi dito, veremos que o imaginário é, ao mesmo tempo, mais do que essa cultura: é a aura que ultrapassa e alimenta. (MAFFESOLI, 2001, p. 76)

Os imaginários são difundidos por meio de tecnologias próprias, as tecnologias do imaginário. A televisão, o rádio, o jornal, a internet, o cinema e a publicidade fazem parte dessas tecnologias. Além disso, o livro, a literatura, o teatro, o marketing e as Relações Públicas também integram essas práticas. Essas técnicas dinamizam uma rede de valores e sensações partilhadas. Promovem laço social, em que valores são vivenciados em sociedade, imagens são reverenciadas em conjunto, sentimentos e afetos são intensificados em comunhão.

A televisão promove o compartilhamento de valores e sentimentos em conjunto. É um dispositivo de produção de mitos e visões de mundo. Silva (2012) integra a televisão, assim como a internet e os fluxos comunicacionais, como afluentes das bacias semânticas. O espectador, para Silva (2012), não é um mero contemplador de imagens. Também não é um ser completamente manipulado. A partir do imaginário dinamizado pela mídia, o público produz o próprio imaginário, com a influência dos seus valores, vivências, suas pulsões subjetivas.

Netflix como tecnologia do imaginário

Surgida em 1997, nos Estados Unidos, a distribuidora de filmes e séries de televisão, Netflix, primeiramente, disponibilizava o serviço de entrega de DVDs por correio. Em 2007, apresentou a transmissão via *streaming*, na ocasião em que entregou seu bilionésimo DVD. Atualmente, mais de 190 países têm acesso ao conteúdo da empresa. Passou a produzir material próprio em 2013, além de distribuir conteúdo audiovisual. Em 2018, atingiu³ mais de 118 milhões de assinantes em todo o mundo.

³ Site Folha de São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/04/netflix-atinge-1189-milhoes-de-assinantes.shtml>>. Acesso em 06 de junho de 2018.

O Netflix apresentou mudanças devido a sua forma de oferta de produtos, produzindo e revisando os formatos de consumo.

O poder de decisão da programação pelo espectador através do serviço *on demand* inaugura uma nova autonomia na experiência audiovisual, simplificada na lógica do conteúdo “tudo o que você puder assistir”. Esta autonomia é também consequência da interconectividade entre os devices compatíveis com o Netflix: são mais de 25 aparelhos, incluindo smartphones, consoles de videogames, aparelhos Blu-ray, tablets, smart TVs, entre outros. Assim, é possível começar a assistir a um filme na tela da televisão, interromper e retomá-lo, do mesmo ponto em que se parou, em outro momento, ao abrir o aplicativo do Netflix no smartphone. (ROSSINI E RENNER, 2015, p. 5-6)

Para Rossini e Renner (2015), o Netflix não se enquadra no conceito que historicamente temos chamado de televisão. Esse tipo de serviço pode ser considerado um modelo híbrido entre televisão e internet. A empresa é apontada como um incentivador de um novo comportamento entre os usuários, chamado de *binge-watching*, as conhecidas maratonas. Como geralmente estão disponíveis vários episódios ou temporadas inteiras, o espectadores acabam vendo tudo de uma só vez, sem intervalos e interrupções.

Disponibilizar todos os episódios de uma série ao mesmo tempo, entretanto, leva a uma revisão dos modelos narrativos e estéticos dos produtos seriados. Afinal, não são mais necessários vários dos ganchos dentro do próprio episódio (em função da fragmentação por conta da interrupção para a exibição da publicidade) ou das explicações entre episódios, já que cada um seria visto em semanas diferentes. A prática de ver os episódios em conjunto já vinha sendo proposta pelos lançamentos em DVD das temporadas de muitas séries, seriados, microsséries e até de telenovelas. O que o Netflix faz é investir nessa tendência, permitindo que os episódios possam ser vistos todos juntos e em qualquer lugar e em qualquer tela. (ROSSINI E RENNER, 2015, p. 9)

Pode ser considerado como uma tecnologia do imaginário, pois dinamiza uma rede de valores e sensações compartilhadas. O netflix dá impulso ao laço social. Através dele, valores são vivenciados em sociedade, imagens são reverenciadas em conjunto, sentimentos e afetos são intensificados em comunhão.

As tecnologias do imaginário são dispositivos (Foucault) de intervenção, formatação, interferência e construção das “bacias semânticas” que determinam a complexidade (Morin) dos “trajetos antropológicos” de indivíduos ou grupos. Assim, as tecnologias do imaginário estabelecem “laço social” (Maffesoli) e impõem-se como o principal mecanismo de produção simbólica da “sociedade do espetáculo” (Debord). (SILVA, 2012, p. 21).

Essas tecnologias são aliadas à produção de mitos, visões de mundo e estilos de vida. Silva (2012) defende que as tecnologias do imaginário buscam mais que a informação, contida na mitologia do jornalismo. Além disso, “trabalham pela povoação do universo mental como sendo um território de sensações fundamentais” (SILVA, 2012, p. 22). Ao contrário da visão da indústria cultural, em que os meios eram ligados à manipulação, as tecnologias do imaginário tendem para a sedução. Na pós-modernidade, as tecnologias são ligadas ao afeto e dominam pela adesão e concordância em um contrato que traz o consentimento de valores e práticas sociais efêmeras, que podem ser revogadas a qualquer instante. O que a sociedade busca nestas tecnologias é o prazer imediato. Também são dispositivos de cristalização de um patrimônio afetivo e simbólico, que mobiliza indivíduos ou grupos. Estimulam ações e produzem sentido. Transformam os sonhos em realidade. São forças catalisadoras. “As tecnologias do imaginário enraízam nos sentidos uma parte do vivido, do experimentado, do praticado, do que ganhou significado ao ser reabsorvido pelos sentidos como uma atmosfera credível” (SILVA, 2012, p.43).

Há um destaque para as trocas entre o meio e homem, que podem ser chamadas de trajeto antropológico. Nas tecnologias da manipulação, como o exemplo da Escola de Frankfurt, o receptor é visto como um ser manipulado por um receptor portador de todos os poderes. Existe uma crença na persuasão e uma hipervalorização da emissão. O consumidor se vê no lugar do cidadão. Diferentemente disso, as tecnologias do imaginário focam na potência do receptor. Para Silva (2012), o indivíduo não pode ser escravo das tecnologias que utiliza. Os manipulados também influenciam os manipuladores.

Há uma sedução pelo poder de influenciar, de fazer parte do que é transmitido pela mídia. O conceito de tecnologias do imaginário pretende refletir e avançar a respeito do reducionismo da indústria cultural. O público dinamiza imaginários próprios a partir do que é disseminado pela mídia. Apesar disso, todos os conteúdos veiculados passam pelos nossos julgamentos. São avaliados pelos nossos valores e crenças que compartilhamos em sociedade. Silva (2012) enfatiza que o imaginário é uma usina de mitos e as tecnologias produzidas são fábricas de mitologias. Esse espírito é a presença do indivíduo no inconsciente coletivo.

Racismo e Imaginário dos Estados Unidos

Segundo a Comissão dos Direitos Civis dos Estados Unidos (1970), o racismo deve ser visto como uma atitude, ação ou estrutura institucional que subordina (inferioriza) uma pessoa ou grupo por causa da sua cor. Apesar de “raça” e “cor” se referir a duas características humanas, nos Estados Unidos, é a visibilidade da cor da pele que marca indivíduos como alvos para subordinação por membros da maioria branca. Esse tipo de preconceito pode ser dividido em duas categorias: o racismo claro, ou explícito, ou subordinação institucional indireta por causa da cor.

O racismo explícito se dá quando a cor se torna um fator de subordinação. Já a subordinação institucional se dá quando se coloca ou se mantém pessoas em posição ou status de inferioridade por meio de atitudes, ações ou estruturas institucionais que não usam a cor como mecanismo de subordinação, mas em vez disso, usa outros mecanismos indiretos relacionados à cor. Um exemplo disso é a segregação de negros em regiões de vulnerabilidade social, em locais com baixas condições, com escolas que não têm a mesma infraestrutura de regiões mais desenvolvidas. Por morar em locais afastados, essas pessoas não têm acesso à melhores oportunidades de emprego e outros serviços localizados em áreas mais abastadas. Muitas empresas deixaram de usar o critério de cor no momento do recrutamento, mas pedem uma boa escolaridade e habilidades específicas. Não existe meritocracia para quem sempre teve menos oportunidades.

Durante 300 anos os afro-americanos conviveram com o racismo explícito e hoje ainda precisam driblar a subordinação institucional indireta. De 1619 até 1808, negros eram levados da África como escravos para os Estados Unidos. O presidente Abraham Lincoln propôs uma emancipação dos escravos de modo lento e gradual e indenizado aos fazendeiros, o que gerou revolta em grande parte da população que via os negros como bens. Isso resultou no início da Guerra da Secessão, em 1821. O conflito dividiu o país entre sulistas e nortistas. Nos dois lados, os negros não faziam parte das decisões políticas e sofriam preconceito. “Isso subsistiria na primeira metade do século XX, quando se manifestariam dois tipos muito diferentes de racismos: um determinado juridicamente no sul, e um outro um pouco “envergonhado”, mas sempre presente no norte” (KARNAL et al., 2014, p.129).

A guerra foi a mais sangrenta da história dos Estados Unidos, matando 600 mil norte-americanos. Para fins de comparação, na Guerra do Vietnã, 58 mil morreram. Em 1863, foi proclamada a lei de emancipação dos escravos, mas só foi promulgada em 1865, com a criação da décima terceira emenda da constituição norte-americana. Nas áreas longe do alcance legal da união, os escravos tornavam-se livres na medida em que as tropas do norte venciam. Mas isso não significou muito na obtenção de direitos dos negros. Com o passar do tempo, foi criada uma nova emenda que restringia os poderes dos negros.

Em 1873, o Supremo Tribunal decidiu que a 14ª Emenda (segundo a qual os direitos de cidadania não podem ser reduzidos) não concedia aos americanos de origem africana qualquer novo privilégio ou imunidade em relação ao poder do estado: Além disso, em 1883, a Corte decidiu que a referida Emenda não impedia indivíduos, contrariamente aos estados, de praticar a discriminação. E, no caso Plessy versus Ferguson (1896), a Corte julgou que acomodações públicas “separadas mas iguais” para afro-americanos, como as usadas em trens e restaurantes, não constituíam uma violação dos seus direitos. (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012, p.193)

Segundo Karnal et al. (2014), mesmo com a escravidão abolida, a nação acreditava, na sua maioria, na inferioridade da raça negra. Até entre os abolicionistas,

eram poucos que aceitavam os afro-americanos como intelectual e politicamente iguais. Em 1875, o Tennessee adotou a primeira lei Jim Crow, que se refere ao princípio “separados mas iguais”, “estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurante, teatros, entre outros. Em 1885, a maior parte das escolas sulistas também foram divididas em instituições para brancos e para negros”. (KARNAL et al., 2014, p. 145). Foi só a partir da década de 1950 que a suprema corte derrubaria a ideia de segregação.

Em 1867, surge uma corrente extremista, que defendia o extermínio da “população inferior”. O Ku Klux Klan foi ancorada em uma antiga tradição de linchamento dos negros. A organização começa a partir da união de vários grupos locais e associações clandestinas racistas. Entre 1867 e 1871, vinte mil pessoas foram mortas por organizações como esta. Alguns desses grupos utilizavam lençóis brancos simbolizando os senhores mortos durante a Guerra Civil.

Os anos 1950 ficaram marcados pelo início de um dos mais importantes movimentos sociais do país, a luta pelos direitos civis. Martin Luther King Júnior foi o líder das batalhas contra a discriminação racial.

Os afro-americanos no Sul nos anos 50 ainda tinham poucos direitos civis e políticos, se tivessem. Em geral, não podiam votar. Os que tentaram recensear-se enfrentaram a possibilidade de espancamentos, perda de emprego, perda de crédito ou expulsão das suas terras. Ainda ocorriam linchamentos ocasionais. As leis de Jim Crow obrigavam à segregação de raças nos transportes públicos, comboios, hotéis, restaurantes, hospitais, estruturas recreativas e no emprego. (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012, p. 299-300)

Em 1955, a costureira afro-americana Rosa Parks, contrariando a segregação dos espaços públicos, sentou-se na parte da frente de um ônibus, local destinado aos brancos. Ela se recusou a utilizar os espaços para negros e foi presa. Líderes afro-americanos organizaram um boicote aos ônibus. Martin Luther King Jr. tornou-se um dos porta vozes do protesto. Um ano depois, o Supremo Tribunal determinou que a segregação dos negros em espaços públicos era inconstitucional.

A luta pela igualdade atingiu o seu ponto alto na década de 1960. Surgiram novos líderes ao movimento, como Malcom X, um dos maiores defensores dos direitos negros dos Estados Unidos. Houve também o surgimento dos movimentos de *black power*. Segundo Karnal (et al., 2014), o Partido dos Panteras Negras ganhou bastante popularidade nos bairros negros de grandes cidades. Fundado por universitários negros da Califórnia, o grupo buscava a “autodefesa armada” contra policiais racistas e fez alianças com progressistas brancos contra a guerra.

Nesta década, foram organizados grandes comícios, como a Marcha para Washington, em 1963. Mais de 200 mil pessoas estiveram presentes no discurso de Martin Luther King Jr. “Tenho um sonho de que um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, filhos de ex-escravos e filhos dos seus antigos senhores poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade” proclamou. Cada vez que ele repetia o refrão “Eu tenho um sonho”, a multidão exultava. (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012, p. 305).

O legado do movimento dos direitos civis foi o acesso igualitário aos serviços públicos, o fim da política de segregação nas escolas, a criação de ações afirmativas e cotas raciais, que permitiram aos negros ingressos nas universidades e serviços públicos. Houve uma expansão da classe média negra. Apesar disso, a maioria dos negros permaneceu na pobreza. De acordo com Karnal (et al., 2014), a situação econômica nos guetos negros nos centros das grandes cidades piorou ao longo dos anos 1970-1980. Um terço da população negra ficou abaixo da linha da pobreza. No fim dos anos 1990, a renda das famílias brancas era quatro vezes maior do que a das famílias negras.

Em 2009, os Estados Unidos tiveram o primeiro presidente negro da história, Barack Obama. Isso evidenciou que os negros podem assumir espaços de poder. Claro que ele é uma exceção entre tantos afro-americanos. Obama estudou em Columbia e Harvard, que estão entre as melhores universidades do mundo. Em uma entrevista, o ex-presidente afirmou que os Estados Unidos ainda não se curaram do racismo. "O legado da escravidão, de (leis de segregação racial) Jim Crow, da discriminação em

quase todos os compartimentos de nossas vidas, tem um impacto duradouro e que continua a fazer parte do nosso DNA⁴.

Americanos que buscam combater o racismo precisam entender três pontos. Primeiro, o racismo nesse país é produto de mais de 300 anos de subordinação sistemática de índios e negros pela maioria branca, além da subordinação de ainda outros grupos. As atitudes racistas, comportamentos padrão, estruturas institucionais e herança cultural construídos através de três séculos são profundamente enraizados na nossa sociedade. Eles não podem ser erradicados do dia para a noite ou só em alguns anos. Além disso, o combate efetivo do racismo vai exigir contínua e prolongada persistência de brancos e negros. Eles devem se comprometer profundamente, na verdade, se dedica a esse objetivo⁵. (COMISSÃO DOS DIREITOS CIVIS DOS ESTADOS UNIDOS, 1970, p. 38, tradução nossa)

A comissão dos direitos civis apontou medidas para eliminar ou neutralizar o racismo. Entre elas, a conscientização de toda a população sobre a existência do racismo e todas as suas formas, aumentar o potencial e as capacidades da comunidade negra criando oportunidades econômicas e sociais, desenvolver programas e leis que beneficiem as minorias e que esses benefícios sejam estendidos, conseqüentemente, à maioria branca e aumentar o contato entre brancos e negros, na convivência, nos círculos de amizades. Eles têm dois objetivos essenciais: mudar o comportamento dos brancos para eles não apoiarem o racismo tanto consciente quanto inconscientemente e aumentar a potencialidade das minorias para que elas possam superar os obstáculos que o racismo impõe.

Agora será discutida a narrativa de uma série que evidencia toda a história e aspectos do racismo norte-americanos e as conseqüências apresentadas na atualidade.

⁴ Portal G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/obama-diz-que-eua-ainda-nao-se-curaram-do-racismo.html>>. Acesso em 6 de junho de 2018.

⁵ Americans seeking to combat racism should understand three additional points. First, racism in this country is the product of more than 300 years of systematic subordination of Indians and negroes by the white majority, plus latter subordination of still other groups. The racist attitudes, behavior patterns, institutional structures, and cultural heritage built up over these three centuries are profoundly embedded in our society. They cannot be eradicated overnight, or in just a few years. Therefore, effectively combating racism will require continuous and prolonged persistence by both whites and negroes. They must be deeply committed - indeed, dedicated - to this goal.

Dear White People e a institucionalização do racismo

A série *Dear White People*, ou *Cara Gente Branca*, foi lançada pelo Netflix em 2017, criada por Justin Simien. Com dez episódios de 30 minutos, a primeira temporada retrata o cotidiano de alunos negros da Universidade Winchester, pertencente a Ivy League, que reúne universidades de excelência privadas do nordeste dos Estados Unidos. O primeiro episódio da série mostra como surgiu a festa *blackface* no campus, em que alunos brancos se vestiram de personagens negros, como a cantora Nicki Minaj. A polícia universitária acaba com a festa.



Figura 1 - Festa blackface
Fonte: goo.gl/6csqZ

Quem idealizou o evento foram os colaboradores da revista *Pastiche*, uma publicação de humor, que busca promover um encontro politicamente incorreto no Halloween. Eles tentam atingir a estudante de estudos de mídia Samantha White, uma jovem negra que tem um programa, na rádio universitária, chamado *Dear White People*. O programa aborda as questões e preconceitos sofridos pelos afro-americanos. Após a revista *Pastiche* sofrer pressão da diretoria, a festa *blackface* é cancelada. Porém, sem conhecimento dos colaboradores da publicação, alguém envia os convites da festa. É descoberto que quem enviou os convites foi Samantha, para mostrar que existia forte preconceito na universidade.

A prática do *blackface* é vista com muito pesar pelos afro-americanos. A partir do século 19, atores de teatro, em *misntrel shows*, se caracterizavam como negros, pintando o rosto de carvão, e mostrando características estereotipadas dos negros, de

forma caricata. Essa prática só acabou com o movimento dos direitos civis na década de 1960.



Figura 2 - Blackface Minstrel
Fonte: goo.gl/gezBtL

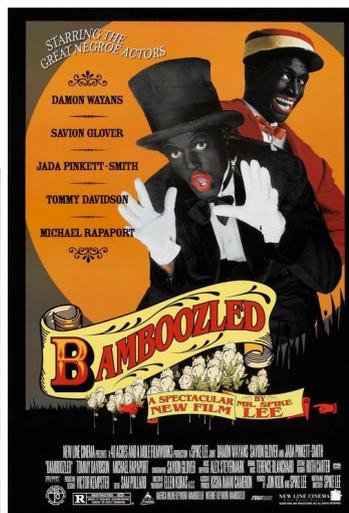


Figura 3 - Cartaz do filme Bamboozled
Fonte: goo.gl/jD324i

O diretor Spike Lee falou sobre o tema no filme “Bamboozled”⁶, em 2000. No filme, um executivo de TV afro-americano fica frustrado quando sua proposta de programa de humor inteligente é rejeitada e para se vingar cria a ideia de um contemporâneo minstrel com atores negros praticando *blackface*, para que ele seja demitido, o que ele não esperava é que a atração seria um sucesso.

A primeira temporada da série *Dear White People* também retrata outras problemáticas. Samantha sofre preconceito dos próprios colegas negros por namorar um branco. Também há um grupo de pessoas, doadores de verbas para a universidade, que querem acabar com a “autosegregação” dos alunos negros do campus, que se concentram na casa Armstrong Parker, a moradia dos negros.

No quinto episódio, um grupo da Armstrong Parker vai à uma festa em uma das casas do campus. Reggie, um dos alunos mais inteligentes e militante da causa negra, se ofende por um dos seus colegas brancos cantar uma música com a palavra “nigga”⁷. Eles começam a discutir e gritar. Até que alguém chama a polícia do campus. Um dos

⁶ Site The Guardian. Disponível em <<https://www.theguardian.com/film/2015/oct/06/bamboozled-spike-lee-masterpiece-race-in-america>>. Acesso em 6 de junho de 2018.

⁷ A palavra “nigger” é entendida como um insulto, nos Estados Unidos, direcionado às pessoas negras. É um termo usado pejorativamente. Era a forma como os mestres, no período da escravidão, chamavam seus escravos.

policiais aponta uma arma para Reggie e pede para ele mostrar a identidade para comprovar que é aluno da universidade. Todos ficam impressionados com a atitude do policial por só pedir o documento do aluno negro, e não ter feito a mesma solicitação ao estudante branco envolvido na discussão. Reggie fica totalmente abalado e passa a noite chorando no quarto. Depois disso, os alunos negros decidem fazer um protesto.



Figura 4 - Policial ameaça atirar em Reggie caso ele não mostre a identidade
Fonte: goo.gl/5haiA5

No décimo e último episódio da temporada, acontece o protesto dos alunos, enquanto o reitor participa de um debate com os financiadores da universidade, que são contra a “autosegregação” dos alunos e contra ações afirmativas. O filho do reitor, Troy, acaba quebrando uma porta de vidro, pois ele queria sair e a porta estava trancada, e é preso. O reitor sai do prédio e vê o filho sendo levado pelos policiais e lembra o que aconteceu com Reggie e grita “meu filho não”. Mesmo sendo negro, o reitor não se preocupava com a ação da polícia contra os negros até que o próprio filho fosse o alvo.

A série retrata um dos principais problemas enfrentados pelos negros nos Estados Unidos. Há décadas, a polícia é acusada de perseguir e matar negros sem justificativa. Em setembro de 2017⁸, centenas de pessoas protestaram contra a absolvição de um ex-policial branco que matou um negro, em St. Louis, no Missouri. Em agosto do mesmo ano, três pessoas morreram, em Charlottesville, na Virgínia, durante um embate entre um grupo de extrema direita e manifestantes anti-racismo.

⁸ Portal Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/09/1919128-proteto-nos-eua-contr-absolvicao-de-policia-que-matou-negro-deixa-feridos.shtml>>. Acesso em 6 de junho de 2018.

Também em setembro, jogadores⁹ da liga de futebol americano protestaram contra a violência policial. Os atletas do Pittsburg Steelers se recusaram a entrar em campo para a execução do hino nacional. Integrantes de outros times também se manifestaram durante o hino, alguns se ajoelharam e outros se abraçaram. O atual presidente Donald Trump criticou as manifestações e disse que as franquias deveriam demitir os jogadores que se manifestassem e ainda ofendeu os que se manifestaram.

Em 2018, a empresa Starbucks¹⁰ precisou realizar um treinamento de tolerância racial com seus 175 mil funcionários, em 8 mil lojas dos Estados Unidos. A ação aconteceu devido a protestos e pedido de boicotes às cafeterias da rede no país após ato racista cometido pelos funcionários de uma das lojas. Em abril, dois negros foram presos em uma unidade da rede na Filadélfia. Rashon Nelson e Donte Robinson estavam esperando na loja para fazer uma reunião de negócios, e por não terem consumido nenhum produto, foram hostilizados pelos funcionários, que chamaram a polícia. Esses fatos só reforçam a ideia de que o imaginário do racismo continua vivo, mesmo hoje sendo criminalizado. Em pleno século XXI, algumas pessoas precisam de um treinamento para entenderem que não devem praticar atos racistas.

Como uma dinamizadora de imaginários, a série busca reforçar esse sentimento de desigualdade. Os afro-americanos ainda sentem os efeitos de séculos de injustiça social. A narrativa enfatiza, através de uma fala redundante, que o passado de racismo explícito ainda é sentido no cotidiano dos norte-americanos. O racismo sobrevive ao tempo, está enraizado na cultura do país e precisa ser lembrado constantemente para ser superado.

As marcas da inferiorização podem ser percebidas pelos problemas enfrentados pelos personagens. Apesar do racismo ser proibido e condenado nos dias atuais, muita gente, mesmo inconscientemente, promove e comete atos racistas. Ao atravessar a rua quando vê um negro se aproximar no mesmo lado da calçada ou fazendo comentários maldosos em família. A questão do racismo pode parecer para muitos uma causa

⁹ Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/jogadores-de-futebol-americano-se-ajoelham-em-protesto-contraviolencia-policial-trump-critica.ghtml>. Acesso em 6 de junho de 2018.

¹⁰ Revista Exame. Disponível em <https://exame.abril.com.br/negocios/e-dia-de-treinamento-contrao-racismo-no-starbucks/>. Acesso em 9 de julho de 2018.

ultrapassada, mas é preciso falar sobre o assunto para mudar uma cultura, que promove atos que trazem o sofrimento e a sensação de impunidade. Como uma tecnologia do imaginário, as séries têm o papel de trazer à tona temas que precisam ser debatidos e refletidos. Sem a reflexão, não há mudança de atitude.

Considerações Finais

A série *Dear White People* dinamizou o imaginário do racismo nos Estados Unidos. Esse imaginário é constantemente reforçado com a divulgação de casos de discriminação contra os negros no país. Foram séculos de cerceamento dos direitos da população afro-americana. Até hoje muitas famílias negras estão em situação de vulnerabilidade social, não têm acesso às mesmas oportunidades dos brancos. As consequências de anos de segregação são sentidas no cotidiano.

O racismo está enraizado na sociedade norte-americana. Mesmo inconscientemente, atos racistas são constantemente cometidos. É a polícia que trata os negros de forma diferenciada, com repetidos abusos de poder. É a falta de integração da população branca com a negra, assim não oportunizando a empatia. É a educação das famílias que repetidamente fazem comentários racistas, assim propagando uma cultura do preconceito. Falta conscientização e isso é o que a série se propõe a fazer.

Não há uma mudança de imaginário sem a reflexão, que leva a mudanças de atitudes. Para transformar a sociedade é preciso reiterar o passado, como faz a série redundantemente. Trazer esse debate para uma tecnologia do imaginário em expansão, como o Netflix, é um começo para uma mudança de comportamento. Só ocorrem metamorfoses no imaginário com ações.

Referências

COMISSÃO DE DIREITOS CIVIS DOS ESTADOS UNIDOS. **Racism in america and how to combat it**. Clearinghouse Publication, Urban Series nº 1, 1970. Disponível em: <https://www.law.umaryland.edu/marshall/usccr/documents/racism70.pdf>

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS. **Um esboço da História Americana**. Escritório de Assuntos Públicos, 2012. Disponível em:

http://photos.state.gov/libraries/amgov/30145/publications-portuguese/OutlineofUSHistory_Portuguese.pdf

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem: Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

KARNAL, Leandro. Estados Unidos. **A Formação da Nação**. São Paulo: Contexto, 2015.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2014.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno; TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **O Imaginário é uma Realidade** (entrevista). Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v, 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

ROSSINI, Miriam de Souza; RENNEN, Aline Gabrielle. **Nova cultura visual? Netflix e a mudança no processo de produção, distribuição e consumo do audiovisual**. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em
<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2972-1.pdf>>

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Diferença e Descobrimento**. O que é Imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2017.